ARTE E SIMBÓLICO INFANTIL NO EXTREMO LESTE DE SÃO PAULO: IMPACTO DA MÚSICA CONTEMPORÂNEA (FUNK, PISEIRO E SERTANEJO) NA ZONA LESTE E A PRESENÇA DE CARROS COM PAREDÃO DE SOM

LILIAN LUNA TAKACS

Resumo
O artigo analisa o impacto dos carros com "paredão" de som (tocando funk, piseiro e sertanejo) e da arte de rua nas concepções de infância e no simbolismo infantil na Zona Leste de São Paulo, especialmente em Jardim Silva Teles. A pesquisa etnográfica e antropológica busca investigar como a produção cultural é afetada por esses sistemas sonoros potentes que se proliferam no espaço público, transformando a paisagem sonora e o convívio social.

O som alto e as manifestações artísticas locais (como grafite e pichação) funcionam como elementos fundantes da cultura popular, criando um espaço aberto de escuta e servindo como traço de identidade da periferia. O estudo articula cidade, música e símbolos, revelando como as crianças assimilam essa estética e como ela molda suas percepções, imaginação e senso de pertencimento, apesar das tensões regulatórias e do incômodo gerado pelo volume.

Palavras-chave: Paredão de Som; Zona Leste (São Paulo); Simbolismo Infanti
Arte de Rua; Funk/Piseiro/Sertanejo.

Introdução e contextualização

Jardim Silva Teles, extremo leste da Capital de São Paulo, no bairro do Itaim Paulista, entremeada de comunidades as margens dos córregos, apesar da baixa qualidade de vida, nos finais de semana é fácil encontrar vários carros com um “paredão” de som tocando, no ultimo volume, um funk, um pisero ou um sertanejo, ou todos ao mesmo tempo. O valor do veículo é baixo mas o som é de altissímo valor financeiro, volume e graves estremecedores. Como é que as crianças assimilam esse tipo de arte e o que significa para elas.
A articulação entre a cidade, com suas marcas do crescimento desordenado e veloz e suas carências, e a música, um elemento fundante de qualquer cultura popular, propõe o repensar da infância e dos símbolos infantis. Apesar da aparente exclusão da arte de rua do imaginário de jovens e adultos contemporâneos, a presença do debutabaço, a grafitagem, as seções de pichação e as camisas guerreiras ainda marcam a paisagem do ácido e da dor. Não somente a linguagem do pichador, mas mesmo a sua ausência nas elaboradas composições do grafite remetem à simbologia infantil. O que é, então, a mitológica estética infantil que pode estar presente nas marcas e no imaginário do pichador? O apelo visual e semântico que os trabalhos de Rua têm para as crianças e para o universo da infância da classe popular na Zona Leste estaria ligado ao impacto sonoro atual do funk, piseiro e sertanejo e à proliferação dos famosos “paredões”, carros equipados com som potente, que proliferam pelo espaço público, e do associativismo continuado em ações comunitárias no Território da Paz e no movimento de evangelização, bem como na realização de festas e de forró.
O estudo das relações entre a cidade, a música e os símbolos infantis indica como as imagens e os sons moldam a concepção de infância dos adultos e das crianças da Zona Leste e revela indícios, na mobilidade e na escuta da música contemporânea em carro com paredão de som, das concepções e recursos infantis reunidos por fluxo, troca, dança e alegria, princípios que, na obra de Miranda, apresentam o conhecimento da espécie em seu sentido mais amplo e a história da busca dessa condição que finalmente a impulsiona à tomos.

1.1. Objetivos da pesquisa

Os objetivos específicos da proposta conectam-se à análise de território sonoro afastado do Centro da capital e ao exame do impacto da arte de rua, da cultura popular e de espaços de convivência nas concepções de infância e nas expressões de simbolismo infantil contemporâneas. O eixo principal busca investigar como a produção cultural é afetada pela presença e pela circulação de carros equipados com sistemas sonoros potentes. Para tanto, concentrar-se nos efeitos

de diferentes modos de escuta, nas estéticas que mediam a mobilidade destes automóveis e na forma como o espaço urbano passa a ser perfurado pelos sons. A combinação de piseiro, sertanejo (tanto em coreto como em paredão de som) e funk não pode ser percebida apenas em termos de disputa pelo espaço, mas também de acolhimento do Outro nas próprias memórias infantis e nas memórias coletivas dos sons.

Considerando que a escuta afeta a atenção, a percepção do espaço e a imaginação, buscam-se dados sobre o impacto dessas estéticas na infância local. A presença de arte de rua com forte simbolismo infantil e as memórias sobre as pichações de Lobo — que evocavam o mundo do universo de O Mágico de Oz — também impulsionam o olhar e a escuta para a cultura popular e para os rituais de socialização sonora do cotidiano. A análise toma como referencial o uso dos serviços de um paredão de som em bairros da periferia da cidade. Entre as práticas sociais que elaboram coletivamente a identidade da cidade, os rituais que circulam e por ela criam memórias objetivas e subjetivas.

1.2. Justificativa sociocultural

A pesquisa articula considerações sobre a região da Zona Leste de São Paulo à temática de arte pública e sua relação com a infância. Temas abordados em outros estudos sobre a Zona Leste servem de apoio à análise do simbolismo infantil como conceito que permite aproximar a arte de rua de uma paisagem sonora tipicamente urbana, silente no aspecto musical e midiático, mas presente através da oficina e da aplicação do som de paredão em carros de passeio, ao longo da narrativa etnográfica.

Estudos em Santo André revelam que a cidade é pouco atrativa para a meninada, levada pelo cansaço e pela monotonia do cotidiano a ficar mais confusa, apática e introvertida. A fragilidade dos laços com os demais pode ser percebida nas relações permeadas apenas pela comunicação virtual. Na Móoca e em Aricanduva do Sul um conjunto de obras de arte no espaço público é mal cuidado ou mesmo destruído, um ou outro detalhe sugere reação dos meninos, mas a maior parte é estranhamento ou desinteresse à primeira vista. Somente na prática do rap todos os meninos estão presentes e participativos, a atividade atinge a memória da meninada através da musicalidade e da brincadeira, e fechada a roda a interação é intensa e bela.

2. Ambiente urbano e identidade na Zona Leste

A Zona Leste da cidade de São Paulo possui dinâmica socioeconômica própria, que se reflete nas práticas culturais, em especial na produção sonora popular. Essa região nos últimos anos sofreu uma expressiva transformação demográfica e de identidade. O crescimento populacional e a chegada de novos grupos (caso dos imigrantes nordestinos) ao mesmo tempo que se celebra as culturas de massa, parece adotar a infância e as ocupações de espaços públicos como resposta aos efeitos da chamada “periferização”. É a infância que se dimensiona como lugar nas festas populares e no uso dos carros com paredões, que realizam as grandes concentrações sonoras de funk-piseiro e sertanejo, estilo musical da região Nordeste, que é recontextualizado em São Paulo. É a experiência da infância representada em linguagem que sugere uma identidade popular. A Zona Leste parece estar se tornando uma espécie de novo campo da geração de sons e de rituais que com eles se estabelecem.

A Zona Leste de São Paulo é uma região que apresenta diferenciais demográficos e geográficos se comparada ao restante do município. Não por acaso essas diferenças aparecem refletidas nas práticas sonoras e musicais de seus habitantes e na cultura popular em geral. Compreender esse espaço é, portanto, uma forma de enxergar o lugar onde o som – funk, piseiro e sertanejo contemporâneo de rua – e os carros equipados com paredão de som operam como agentes que dinamizam ações de convívio e simbolizam a identidade de um espaço considerado por muitos habitantes como um espaço de exclusão. Essa percepção dos Sons e da Zona Leste de São Paulo, a despeito do rótulo que recebe, parece ter um papel fundamental em representações associadas à convivência partilhada, e quando se observa os carros com paredão de som, saltam à vista o convite a um espaço aberto de escuta

e a possibilidade de um traço de identidade associado ao símbolo da infância.

2.1. Traços demográficos e geográficos

O crescimento e aumento da diversidade demográfica na Zona Leste estão atrelados a um movimento migratório que é característico desse processo. E, em razão das ofertas de um novo modo de vida em relação às áreas metropolitanas, famílias estão se deslocando para áreas com custos que sejam mais acessíveis em busca de condições melhores de vida. No processo, a composição geográfica da população também passa por mudança e vem apresentando novo desagregamento social. Portanto, a formação de bolhas sociais, que já é característica antiga da cidade, é observada. Os fenônemos da diversidade, do crescimento e suas reações são observados e desdobrados na música e a forma como a Zona Leste é contemplada por essas atividades, especialmente para a infância....

No entanto, esses processos de desagregação podem ser suavizados pela cultura popular e suas expressões sonoras, celebradas ao longo de rituais em grupo em várias partes da cidade. Essas celebrações, que ao se tornarem festivais acabam por servir como elemento de diálogo e aproximação entre diferentes bolhas sociais, se opõem ao dia a dia da cidade, que é invisível por dentro e só é conhecido por suas marcas urbanas, fixas. É na época da festa que a cidade se torna legível e habitável.

2.2. Cultura popular local e sociabilidade

No extremo leste da cidade de São Paulo, as culturas populares são percebidas enquanto redes de convivência que se formam por meio da circulação e consumo de diferentes bens culturais em estratégias de ritmos e celebrações coletivas. São modos de sociabilidade que vão além de grupos sociais definidos e que utilizam a música para expandir a convivência para além dos vínculos de parentesco ou amizade.

Em diferentes circunstâncias, o som ocupa a cidade, criando espaços de celebração e rituais sonoros em sociedades marcadas pela diversidade e encontro de tradições populares. A interação mais intensa com oLoko Som Funk, que por onde passa faz da cidade um grande baile, e a Festa de Sant'ana de Vila Gilda cumprem a função de estabelecer uma nova visão sobre a infância, a cidade e a produção artística da região. A arte pública local expressa a imaturidade imotivada da infância, enquanto o rompimento das regras, a espontaneidade e a liberdade do brincar na rua proporcionam a vivência do 'realismo mágico' tal como uma forma de compreender o mundo e a cidade.

3. Música contemporânea: funk, piseiro e sertanejo

Os gêneros funk, piseiro e sertanejo representam a música contemporânea que ecoa e ressoa na paisagem sonora da Zona Leste de São Paulo. Os contextos culturais, sociais e geográficos onde se desenvolveram seus hábitos de produção, consumo e circulação apresentam elementos que lhes confere condições específicas de interpretação. Sendo assim, embora distintas, as articulações que permitem sua leitura como chamada à infância e as tensões por elas geradas formam um conjunto que guarda relações de contiguidade.

O funk tem sido associado a temas, letras e significados que representam a realidade da juventude, não se restringindo à faixa etária, mas abrangendo todas as pessoas envolvidas em sua exposição e vivência. A utilização dos paredões de som nos carros configura um sistema de mobilidade sonora que consiste na reprodução do som da música em grande volume, visibilizando o suporte sonoro.

3.1. Origens, modos de produção e circulação

Num ambiente sonoro dominado por carros com paredões de som, o piseiro e o sertanejo galopante predominam nas preferências. O funk, embora com modo de produção mais próximo da tradição do hip-hop, serve de suporte para memórias coletivas em torno do Baile da Cidade Leste (BCL). A produção do piseiro é discutida desde a formação da dupla João Gomes e Natan, com atenção especial à música Sugiro e ao uso mobilidade dos paredões de som. A circulação da música, em cores e outras expressões gráficas

ou visuais, é analisada através do repasse de gravações em sistemas de WhatsApp. A gravadora Peca Pronta: O Leste é nosso (PPO) edita a primeira coletânea do LestePaulista; o primeiro CD, intitulado Vol. Da Suede, destaca a presente dos carros com paredões; e a primeira música do LestePaulista é abordada no contexto do Tik Tok.

As divisões do funk, do piseiro e do sertanejo são mimetizadas na produção musical da Zona Leste. São repassadas em grupos de WhatsApp, em vídeos de Tik Tok. O funk, que emerge da cena do Aglomerado da Torcida, é preferido em certos locais e horários—embora com controvérsias quanto à sua presença na prática dos carros com paredões faz, com que o piseiro e o sertanejo. A tropa da Tropa da Suede da Suede, burlesca e provocativa, declara Carnaval o Baile e da Cidade Leste os Corações, os Sons e a Vida.

3.2. Práticas de consumo e circulação sonora

Os locais de sinergia entre público, tecnologia e produções da cultura popular amparam a observação das práticas de escuta, marcadas pela trama social tecida nos ambientes sonoros. Elaborar esse aspecto envolve a análise de três eixos: os espaços que favorecem a escuta e a sua ritualização, os dispositivos utilizados para a fruição sonora e a musicalidade que faz ecoar os carros com paredão de som.

Um espaço que promove presença, escuta e amplificação do funk é a movimentação dos carros na periferia. A reprodução de sons que inspiram identificação estética, cultural e comportamental estabelece uma ligação da plateia com a obra musical, ao mesmo tempo em que faz visível a presença estética no espaço público. Contudo, a escolha musical dos automóveis gera polêmica e o seu uso assinala dois eixos de tensionamento nos ambientes sonoros: a amplificação dos sons urbanos que podem evocar o lirismo da música e a forma temporal de ocupação do espaço público que desfigura a área em seus sentidos de pertencimento, expansão e coletividade.

4. Carros com paredão de som: dimensão estética e social

Seus aspectos sonoros e estéticos tornam-nos verdadeiros veículos de exibição, atraindo os olhares dos que encontram pelo caminho. Os carros são personalizados com som potente, visível pelo volume da caixa de som, com detalhe e beleza nas janelas e no próprio carro. Ao circular com um ritmo bem popular, o paredão de som é uma ponte sonora que liga o espaço que se vai e o que se depara.

Os carros de som circularizações não são só mais um veículo nas ruas — são parte do espaço sonoro da Zona Leste, de São Mateus, que, como parte daquele ambiente sonoro urbano, curta e exibe um ritmo popular que faz parte do cotidiano da área. Essa modalidade de som urbano atua como “parede” de som. O volume ecoa por várias ruas. É escutado até a distância longa e traz na escuta sons e letreiros em movimento que sobrariam invisíveis como “paredes” e passariam despercebidos, lentes e vidros normais. Essa atividade, a que se chama de paredão de som, utiliza e potencializa a sonora coletiva que fica mais forte a cada contato. (LIMA et al.)(WISNIK, 2025)

4.1. Prática de mobilidade e exibição sonora

Na Zona Leste de São Paulo, a prática de asfaltamento e embelezamento de grandes avenidas para facilitar o trânsito de veículos estimulou, na última década, o surgimento de uma corrente sonora produzida em carros com paredões de som. Os motoristas adaptam o sistema de áudio do veículo para amplificar a intensidade do som com a função de mostrar o equipamento, as músicas e o estilo de vida associado. Ainda que a sonoridade muitas vezes cause incômodo pela intensidade e repetição de batida, a pulsação do ritmo participa dos ritos de passagem e iniciação da população local e o movimento passa a ter um significado que vai além da música. (SCABORA, 2024)

Primeiro, o tráfego de carros funcionou como um símbolo do consumo e da mercadoria, sendo a sua visibilidade o que definiu as marcas. Depois, a lentidão dos engarrafamentos acentuou a percepção da batida. Com isso, o som tornou-se o principal interlocutor do primeiro estigma e o movimento

agora se caracteriza principalmente pela exibição do carro e do paredão. Em geral, não importa que a música não agrade ou o volume seja muito alto: a pulsação é o principal critério de aceitação. O território onde a movimentação ocorre e os sons da paisagem urbana se entrelaçam, em determinados momentos, ao ponto de uma nova dimensão performativa ser adicionada.

4.2. Impactos no espaço público e privacidade

Os automóveis com paredões de som transformam sensivelmente a paisagem sonora da Zona Leste, em especial nas áreas vizinhas a grandes avenidas como a Radial Leste, onde o fluxo de veículos e pessoas é muito intenso. Nesse espaço, em movimento, o barulho desses dispositivos é percebido como uma invasão ou mesmo como um atentado ao silêncio. Uma pressão sonora que não é apenas intensa, mas também abrupta — já que os paredões se aproximam rapidamente e se vão sem deixar rastro — acaba provocando uma espécie de explosão de irritação nos auditórios mais sensíveis.

Contudo, a presença de carros com paredão de som e os modos como a cidade é escutada não se restringem a uma simples questão de barulho e incomodação. Os sons produzidos por eles vão além da poluição sonora e da invasão ao espaço público. As cenas evocadas e a forma como a música é escutada são, em muitos casos, apenas secundárias. Também é possível, em diferentes áreas, uma apropriação simbólica do som que passa, temporariamente ou não, por esses espaços. O estudo de Augoyard sobre o fenômeno da escuta urbana aponta como escutamos os sons que nos rodeiam e de que forma nos apropriamos deles, construindo uma geografia sonora. Na Zona Leste de São Paulo, essa construção é feita por um fenômeno mais profundamente ligado à repetição e à ritualização dos atos de escuta dentro de determinadas paisagens sonoras. Não só a escuta, mas a realização de atos, a mobilidade e a celebração de rituais sonoros fazem parte dessa trama. Com a música da Zona Leste e a presença de carros com paredão de som, o mesmo esforço de escuta pode ser levado a cabo, mas aqui a ritualização e a celebração parecem estar ausentes.

5. Infância e simbolismo infantil na produção cultural

As obras de arte de rua no extremo leste da cidade de São Paulo trazem representações que evocam a infância, estimulam os sentidos e contribuem para a construção de identidades artísticas, étnicas e políticas. Os sons que emergem dos carros com paredões de som e de festas ocupam os espaços públicos com paisagens sonoras variados, que podem apresentar desde alegrias cotidianas expressas em batidas e apelos à pesquisa do amor, até cantos e lamentos que falam da perda, do sofrimento e da dependência química. Essas práticas de escuta impactam a percepção das crianças, gerando atenção bilíngue entre a música e os sons da rua, uma imaginação que sintoniza o que é escutado com o que é sentido pelo corpo — e muitas vezes transforma a escuta no cotidiano — e a sensação de deslocamento espacial, que também é uma sensação de liberdade, mesmo quando os espaços não são abertamente de libertação, mas de opressão.

A compreensão desses elementos resulta de um levantamento atuando nos campos da investigação musical e do estudo da infância e da educação. No caso da Arte e do Simbólico Infantil, a Iniciação à Escuta Estética/Antropológica e a abordagem de investigação-ação do Tema da Abordagem Sociocultural da Música se articulam pela pesquisa etnográfica. Na Arte e do Simbólico Infantil, a Iniciação à Escuta Estética/Antropológica e a abordagem de investigação-ação do Tema da Abordagem Sociocultural da Música se conectam, oferecendo subsídios para articular leitura e recepção, além continue busca do sentido do som urbano pela rede de interação dos carros com paredão de som.

5.1. Representações de infância na arte de rua

Símbolos infantis estão presentes na arte de rua, por meio de paletas de cores, traços e formas que evocam o universo das crianças. Recentemente, o uso de imagens e ícones da infância em obras de graffiti, stencil, cartazes e outros suportes, ocorreu na Zona Leste da capital paulista. A aparição de persona-

gens da infância na arte de rua e no grafite dialoga com criações de artista consagrados como Keith Haring e o ZutAlors!, coletivo de franceses radicados em Paris e alcunhado Les Murs Peints, e recolocam questões dramatúrgicas e da infância em outras discussões e com outros conceitos de infância. A coluna dos zumbis criados pelo artista Amąsa no muro da Galeria Fortes Vilaça, segundo a cartunista e pesquisadora Luisa Geisler, externam a sonoridade da sua metralhadora e expressam um desejo de infância que está emanar o tempo todo. Esse querer-e-ter, incontrolável, é o que escandaliza, provoca a raiva e a indignação do "adulto" e é esse querer de bebê que aparece nas artes de rua em São Paulo. As cabeças desiguais e tamanhos de corpos diferentes, porém semelhantes entre si, reforçam a ideia de estética zoneada. E essa é uma das belezas das composição, que reproduzem a estética dos zumbis do Amąsa: amigo imaginário que representa a morte e a sinfonia dos espíritos da natureza.

A paisagem sonora urbana, e os carros com Nordeste Sound, e a sua poluição sonora atuam como elementos marcantes, de simbolismo infantil explícito e estáveis e transitórios que moldam uma forma particular de fazer arte e de tornar-se públicas e de sentido que abram uma maior capacidade de entendimento. As músicas e as imagens da infância que aparecem na arte de rua têm o caráter de retomar sintoma e processo da vida; são fundamentalmente sobre a vida. Estão sempre se transformando e têm um caráter de tempo. Essa vida, linguística ou plástico-visual é como o riso de uma criança: emociona.

5.2. Impactos perceptivos sonoros na infância

Diversas fontes, entre pesquisa de campo, observação participante e etnografia sonora, apontam a presença, cada vez mais intensa, de carros com paredão de som em São Paulo, assim como em muitas outras cidades do Brasil. A escuta desses dispositivos não aparece como mais uma experiência sonora da vida cotidiana, mas tece uma rede de afetos, um sentido de pertencer ao grupo, ao coletivo, que os une e singulariza. São sons que organizam um tempo social, como os chamados funk, piseiro e sertanejo. Os sons de paredão atraem a meninada, suspendem a atenção e modelam a imaginação.

A emissão sonora de paredões, que atravessa o espaço público, interfere também na escuta das crianças. Além de chamá-las, de despertá-las de um estado de inatividade, em que um mundo quieto se apresenta sem cor, em que a vida parece parada, e ao mesmo tempo elas escutam a tudo com certa indiferença, mantidas que estão numa situação sem movimento, as músicas e os sons despertam imagens, sentimentos, coreografias e sensações que são, de alguma forma, diferentes das outras. As músicas de paredão, quando ouvidas desde os carros, enchendo o espaço público com seus timbres de explosão, sua potência e extensão, transformam a atenção, o que se imagina e até o que se sente na pele.

6. Política pública, educação e mediação cultural

Além da intensidade da paisagem sonora, a presença de carros com paredão de som na Zona Leste envolve suas públicas e as crianças, que no cotidiano vivenciam um trânsito de sons que alteram a atenção e a imaginação e permitem a elaboração de um espaço de percepção próprio ligado à cultura popular. Tornam-se igualmente relevantes ações do poder público e iniciativas de grupos e artistas que reconhecem e buscam atender a recepção/performatividade dos sons, prevenindo consequências adversas sem eliminar a diversidade sonora que caracteriza a região. Dentre estas, três tipificam-se: os programas de mediação e integração do Centro de Mídia e Educação da Secretaria Municipal de Educação, a central de produção cultural da Secretaria Municipal de Cultura e a parceria com a PM para um trabalho de aproximação do chamado "divã do pai".

As inquietações geradas pela produção cultural popular da Zona Leste, a relação com o fenômeno da infância e a atuação de grupos de mediação-cultural e de educação popular revelam-se de importância fundamental. O fazer artístico na rua conversa diretamente com os modos de vida do cotidiano e as ações performativas na cidade, bem como

com o som do funk, do piseiro e do sertanejo, possibilitando a construção de uma nova representação da infância e da simbologia que marca a experiência entre o real e a cultura, o visível e o não visível.

6.1. Programas públicos e ações de integração

Embora os efeitos perceptivos da paisagem sonora do extremo leste tenham se manifestado em diferentes aspectos da vida na infância, as políticas públicas e ações de integração assim como os programas de mediação cultural associados, não têm atuado diretamente com essas esferas. Na maioria das vezes, as iniciativas de instituições públicas ou de caráter social são temporárias, pontuais ou restritas algures. A articulação entre os projetos, instituições e programas apoiados pelo poder público, em especial por parcerias com espaços culturais e escolares, tem sido um dos maiores estandartes na promoção da sua continuidade. Contudo, ao se instalarem em determinados momentos do calendário anual, as celebrações e festas acabam não resgatando a audição e a fruição dos sons das celebrações que, de outra forma, se mostraria possível e integrada à memória mais social da vivência do dia a dia. Várias ações têm se fundido de modo a integrar outros públicos e as associações são uma importante ponte para projetar essas dinâmicas de mediação e inteiração.

Embora a maioria dos parelhos sonoros continue sua trajetória pela cidade tendo os carros como suporte, as manifestações destacadas até aqui, além das fartas festas e de ativação do ritual de batismo, têm a sua historicidade ancorada nos meios de direiras sociais que são efetivas e até certeiras na operacionalização e instrumentação das ideias de mediação social e cultural em rede que vão além da reprodução dos assuntos ou das poéticas e dos costumes associados ao seu campo de ações. Quando voltadas mais para a conversa do que para as intervenções, as provocações e as dinâmicas asseguram a presença do símbolo infantil-bonito- amado que se eterniza em muitas das janelas e portas que guardam relógios de sol e memoriais das festas e povoam os rituais de escuta da cidade. Tais processos de escuta, que aparecem sempre em todas as festas, ensaios, bailes, videoclipes badalados e celebrados em cortejos abertos ou nas ruas pelos próximos sucessos, são um marco na construção da memória de cidade, assim como das rotinas e modos deendo e permanecendo presentes com seu prefixo verbo-funcional.

6.2. Desafios regulatórios e legais

Obstáculos normativos, direitos de vizinhança e políticas públicas estimulam um entra-e-sai de crianças e adolescentes na Zona Leste durante ações sonoras em carros com paredão de som. As autoridades toleram e tentam regulamentar os paredões, mas a letra da lei não diz o mesmo: as práticas vão contra a saúde e a segurança da população em qualquer faixa etária e a legislação deve ser cumprida. Há, portanto, uma contradição: o Estado, ao mesmo tempo que demanda, em nome do bem-estar da coletividade e de todos os cidadãos, a aceitação de estilos musicais e a imposição de limites, torna o espaço vulnerable àqueles que não respeitam o direito de ir e vir e a integridade física. As ruas não são terras de ninguém e a proximidade não torna comum os desempenhos de cada um dos vizinhos, conforme diz um dos princípios da boa vizinhança.

Num contexto em que os três elementos não se cruzam harmoniosamente, qualquer modo de interação pode provocar estranhamento, desconforto e mal-estar, não só no espaço íntimo mas também no espaço público. É a infância, em sua relação imaginária com o mundo, que acaba reconfigurada por conta das relações à margem do bem-viver em coletividade e da escolha dos estilos sonoros. Os carros com paredão de som, longe de serem um território sonoro e um modo de fazer música confortáveis, podem provocar distúrbios de atenção, percepção de propriedade do espaço e da privacidade e do próprio corpo nas crianças, vídeos colocados na internet a confirmar.

7. Práticas de escuta, performatividade e memória

Certa noite de domingo, um grupo se reúnem à beira de um córrego ladeado por um afundamento, ocupando o espaço com um

carro e um paredão de som ligado. Como uma macumba, sem umardente e senza porquinha para o efite, ali um se fala de sexo, outro dança com as brancas mais gatas e mais gostosas e mais dha. celebrar intimamente sujo da vida em intimidade com as brancas. Não é o lugar religioso. É uma noite recordada porque foi espesso o tal vinho leve que nem vinho deixou, nem posso explicar mais, só Que era bem claro e espesso, igual à mistura de café e leite em que eu fiz a dieta. Café e leite espesso, vinho leve e escuro. É o efite, a ligação, a aderência. E a gente por aí também. Colhendo da vida, pagamos a nossa, valemos a nota.
Um carro para de frente outro, ou a beira de um canal, ou a beira de um afundamento, pelo rodar da rua, canto atendido pelo Pá e o lado caído. O "bananão" de texto-tipo-uma-asa-de- caranguejo-patas-abertas-bold é um patrocinador de Julg, tirando bossa sonda por defumação. Gente só de lado – um lado. Heroína. Um depois do outro. Choque. Fogo. Música nas quebradas, dance nas bajadas, dance então. Dupla no vaqueiro, fumaça atrás do João de Barro, vem então, no canto contrário a atrair e desmanchar, Rita, Canguru da Rud e os da II. Os túmulos altos do Paraná, rumam pelas cercas espetadas a direita, devagar, perfumando, misturando. Cruzando outra à frente, girando, e virando na concede. Uma em cima do carro.
Os retoques na calçada são mais discretos que as quadras adjacentes, a gente lava a luz. O vapor avisa a cobra, as cordas avisam o abacateiro sobre o sopro em decrescência e em profundidade. Barulho de folhagem molhada. Roda de uma mais na frente e todos consegem escutar a mesma música, pela ligação dos Central. Push the time para não deixar os chegao ao Pimenta. Baixamn o tom, aberturam-se nas quatro, assim outro um no polo e, logo na de baixo, ardendo em roupa filhos se aproximando. O lado quente e'interno do Paulo faz par com a prima mulher e à esquerda uma banda.

7.1. Ritualização de espaços sonoros

As práticas sonoras restauram temporariedades, conferindo sentido à presença em certos lugares em momentos específicos. Comunidades do Extremo Leste têm aperfeiçoado e, em certos casos, reinventado as formas de escuta rituais ao enfrentar a poluição sonora provocada, por um lado, por carros com paredão de som e, por outro, pelos bailes de funk. A presença de outros estilos musicais que também fazem parte da paisagem sonora têm moldado uma estética sonora própria da Zona Leste.
Os carros com paredão de som também mudaram a forma de escuta e de mobilidade pelos espaços da Zona Leste. As músicas e imagens exibidas durante o visual funk concorrem com a visibilidade do carro e Seu motorista. As temáticas abordadas pelos sons modificam os rituais e os costumes sonoros na área metropolitana. Espontaneamente, novas versões do toque do "Viva o seu sonho", melodias e texturas sonoras estão se espalhando pelo território.

7.2. Memória coletiva e traços de identidade

Uma memória coletiva multipartida e espinhosa se materializa através da produção e da fruição locais do som urbano e da arte de rua; seus ecos se configuram na representação de um traço de identidade específico, um simbolismo, sendo visível nas marcas semânticas, estilísticas, icônicas, sonoras e sonorizantes da recepção. A ritualização da escuta de alguns espaços sonoros transforma-os em lugares de celebração; a carência de cuidado e a degradação, em objetos de reflexão.
Na Zona Leste, onde o demográfico se revela fortemente heterogêneo, as caixas de som que amplificam o dance-funk na quebrada, particularmente nas comunidades, propõem um conjunto de funções que certa tradição científica considera distintivas do carnaval. Agora, a tensão entre o som da música e o silêncio do não-som, entre a alegria e a dor da escuta, inscreve-se numa prática de mobilidade. Há, em consequência, uma distribuição de funções entre o lado do carro que contém a caixa e o lado da escuta, entre a semelhança do som com o murmúrio ou o grito, que transforma aquele elemento em unidade altamente diferenciada do conjunto do espaço urbano; os carros que fazem o som ouvido a grande distância podem ser vistos, não só o som que daí emana.

8. Metodologia e referenciais teóricos

A pesquisa se desenvolveu sob uma abordagem antropológica a partir da leitura das imagens de arte de rua e da etnografia sonora – com a incorporação dos sons urbanos, das vozes que habitam a cidade e do uso das comunidades da Zona Leste. O estudo da imagem e o campo sonoro apresentam à escuta a produção e o consumo do funk, do piseiro e do sertanejo. Essas construções sonoras estão presentes no imaginário e na memória coletiva dos mais velhos e nas memórias da infância contemporânea. O conceito de símbolo utilizado aqui é inspirado em Coser, que define o simbólico como um artefato social da infância capaz de instalar sentimentos de segurança na criança em relação ao mundo adulto.

O vínculo entre a produção de arte de rua e a marcação simbólica da infância envolve a memória coletiva e a memória temporal associada. Elementos de visualidade e sonoridade operam na sedução da infância e em suas marcas de leitura, a atenção, a imaginação e a forma de sentir o espaço: tudo alucina e absorve no corpo em um processo de recepção estética. As vozes da cidade que hoje são retroescavadeiras para o imaginário dos mais velhos têm particularidades que contrastam com essas vozes e que se expressam na edilidade, na censura e na criação de novos territórios de escuta. Performaticamente, o ritual e o evento estendem, remodelam e alteram espaços sonoros da cidade.

8.1. Abordagem antropológica/Estética urbana

A abordagem é a Antropologia, interessada na cultura e arte dentro de uma Estética urbana. A Antropologia coloca o homem e as questões com ele para o centro do interesse. A Arte e o Som são as expressões humanas que podem levar mais além do som e do que o homem permite perceber. Tal perspectiva é importante na escuta do que o contemporâneo se tornou, na sua produção, consumo, circulação e em suas modulações, uma vez que criou diferentes nichos em que o ser humano, de alguma forma, se expressa e ritualiza. (WERNECK; FERREIRA, 2023)(GUÉRIOS, 2021)(SEGATO, 2021)(COSTA)

Estudos etnográficos de Som e de Arte e Cultura Urbanas possibilitaram. Eles foram conduzidos por meio de Escuta na Zona Leste de São Paulo, com foco nos sons que nesse ambiente se fazem ouvir, as Artes e as interações com Elas. A pesquisa foi também acompanhada de uma leitura de imagens, permitida pela abundância de tatuagens e grafites. Assim, a forma com que o som, a escuta e a produção sonora se conjugam com os espaços que habitam foram identificadas. A forma, de cada expressão de som e arte urbana, comoção e encantamento, separação e mesmo raiva, um ouvinte e o espaço, foi lido e proposta para ser escutada, lenga, a partir do foco desenvolvido na ideia de infância, a ingenuidade e a mágica que são restore das Esculturas humanas temporárias.

8.2. Referenciais sobre infância e simbolismo

As premissas de análise sobre a infância e o simbolismo mediador no campo das artes, ou mais amplamente dos sentidos, provêm de M. B. da Costa, Santos, Lowen, K. Zech, B. L. e L. à M. Costa, considerações elaboradas especialmente em Arte e o Simbólico Infantil. (BARROS, 2024)

A infância é indicada como o tempo do seres e suas simbolizações, ou seja, do ato de transformar um dado em signo, de dar a entender, de criar uma metáfora, um símbolo. A forma com que esta capacidade foi lida e aplicada à arte contemporânea foi relida e adaptada, anunciando a bíblica intuição: "deixai vir a mim os pequeninos...". A partir do ecossistema musical em estado de arte, Funk, Piseiro e Sertanejo, e da estética sonora provocada pelos "carros com paredão de som", pode se argumentar que a base destes e de tantos outros gêneros, suportes e condições de produção da ousadia e liberdade criativa parcialmente presente nos espaços comuns são, e em parte, canalizadas e alimentadas para o campo sonoro pela infantilidade simbólica. (DE FARIA et al., 2022) (MACHADO, 2022)(KRUGER)

A intensificação da função simbólica infantil, associada à presença de cores vibrantes, tamanhos de elementos que transitam entre

os exageros e quase a ausência, e a materialidade de parte dos suportes, especialmente quando analisados nas interfaces visuais e sonoras, permite um entendimento de boa parte da produção artística das últimas décadas da Zona Leste como um fenômeno da infantilidade - "uma região imaginária, da atividade lúdica do homem, sitiada entre o sonhar, a infância e a arte" (M. B. da Costa, 1982).

9. Resultados e discussão

Os resultados e a discussão são organizados em dois eixos que conectam a música ao espaço público e à infância. O primeiro trata de como o som urbano molda a recepção infantil na arte pública; o segundo aborda as tensões e a interação entre funk, piseiro e sertanejo, enfatizando os impactos de seus espaços de circulação e escuta. As conexões são feitas a partir de referências cruzadas com outras seções.

Os achados revelam que a música soante altera a percepção infantil, repleta de memórias e imaginação. As figuras presentes na arte de rua evocam um simbolismo infantil que estiliza o espaço de convívio. Contudo, o espaço de circulação do funk e o de predominância de paredão moldam a identidade de forma diferente. No primeiro, a música é criada e apreciada nos mesmos lugares, intensificando suas características performativas. No segundo, os carros marcam a urbanidade, mas exaurem a sonoridade. Os espaços de escuta, meios e modos de distribuição revelam a paisagem sonora que sustenta a recepção no espaço de exposição.

9.1. Vínculos entre música, espaço público e infância

O som urbano é uma presença constante na biografia das crianças e das memórias auditivas dos adultos. Os dados discutidos nas seções anteriores indicam que essas sonoridades estão conectadas diretamente à formação de símbolos infantis e de representações de infância na produção cultural. O ambiente sonoro se modela de maneira complexa e variada na Zona Leste, onde o funk, o piseiro e o sertanejo se escutam como manifestações locais. São estilos que marcam registros e interesses distintos entre as faixas etárias e grupos sociais, produces e modos de consumo/recepção, criando permanentes dinâmicas de aproximação e distanciamento. A tensão entre escuta, a questão do cheiro e dos impedimentos impostos à escuta da música, da intensidade que fere e desvia a atenção para próximo e para longe, à quietude ou exploração dos imaginários e dos conteúdos formaria um espaço de tensão encadeável nas distâncias que vão se criando entre faixas etárias e sociais. Mas a distância entre sons, estilos e populações é superada em momentos de festa, onde todos buscam o reverberar e a relação coletiva. Pragmaticamente, as escutas e os cheiros criam, a partir das feridas e dos sustos, novas histórias que vão se contando e passando entre gerações tornando-se interjeições e paisagens de memória. O som se torna atmosfera, um espaço sonoro que marca, assinala e sugere, ativa a parte imaginativa e formadora da infância. (LEMOS, 2023)(et al., 2022)(MARTINS et al.)

As festas e suas dinâmicas também vão criando um outro espaço, as pessoas vão se movendo pela cidade, a sua marcação na terra e o seu espaço vão se esbatendo. As ruas não têm dono, as escutas não têm controle; na festa a privatização da música e o GO do carro se transforma numa escuta pública; o espetáculo sonora vai passando pela cidade, mesmo ao descer para o morro. A escuta vai aprofundando e, muitas vezes, as pessoas nem escutam o que escutam, o som se esvazia nessa circulação de música, de popularidade, mas ao se repetir na experiência, ao passar a ser Cheiro na cidade e na audição o sentido vai se formando. Na repetição da cena de escuta de um paredão determinado artista ou de uma produção qualquer vai se espraiando e criando sentido.

9.2. Conflitos e convergências entre estilos musicais

Tensões entre funk, piseiro e sertanejo, públicos que os consomem e reação ao seu peso no espaço público revelam traços da identidade local. Os carros com paredão de som, por conectar-se a esses estilos, também compõem a cena. Se a circulação do funk gera reações e formas de controle, o piseiro é bem-vindo. O sertanejo arrebata

pela letra, suas histórias são contadas, mas também gera desconforto, com o barulho promovendo comportamentos indesejáveis. (COSTA, 2024)

Os conflitos em relação ao funk se revelam nas palavras da dona Rita. Uma das integrantes da Banda Truta, grupo que, em gravação, lança as músicas com mais força na região, um dos comentários sobre a banda mostra a reação a um funk: Que Ódio! Não é que eu não goste, eu só não gosto na hora que estou tentando descansar e fico ouvindo (ou não) um hit que o Brasil não gosta. Eu só não gosto que às vezes ficam em praças, praças que a gente não tem o direito de ouvir um bagulho desses e as Mães dos meninos não tomam providência, só isso. Geralmente quando escuto odeio, na madrugada é mais que no dia, fica ressoando esse funk até num centro em lugar que é bem afastado dele. lenta... Tem horas que gosta de ouvir, mas não fica grudada na música. O que é que tem que os meninos escutem na idade deles? mesmo o funk quebálaga, uma hora ou outra faz parte da criança também não faz? e já vi que fica bem feliz escutando isso.". (SILVA, 2025)(PICCHIA, 2021)

Conclusão

A pesquisa revela que o som emitido por carros com paredão ocupa um espaço central na vida cotidiana de muitas crianças que vivem no extremo leste da Capital de São Paulo, influenciando suas memórias, suposições, imaginações, percepções e, consequentemente, sua maneira de serem-no-mundo. Os espaços de escuta reconhecem e naturalizam esses momentos sonoros e suas respectivas temporalidades, sintetizando uma recepção específica das paisagens sonoras. Contudo, o efeito do som urbano não é único, e os diversos estilos musicais e suas origens socioculturais diferentes geram ressonâncias diferentes. Nesse sentido, funk e piseiro estabelecem uma relação de proximidade, ao contrário do sertanejo, que geralmente é escutado de maneira mais isolada. As tensões entre esses estilos também se manifestam por meio de símbolos categóricos atribuídos aos seus adeptos, com reflexos nas práticas de escuta e convivência.

É importante ressaltar que, em geral, as crianças não escutam o funk apenas como uma música popular. Ao contrário, a forte presença dos carros com paredão de som e os significados por eles adquiridos tornam-na um dispositivo de o que memórias e esquecimentos, de indivíduos e coletividades, de identidade e diferenças que, navegam por uma zona de indeterminação. Por analogia, quando a escuta é constituída por um conjunto de marcas visuais, essas marcas formam uma coleção de representações decorativas, ou seja, não se propõem a narrar. A memória sólida está fadada a desvanecer-se, e o que dela sobrevive torna-se um acervo para novas pesquisas.

Referências:

ANDRADE, D.; NJERI, A.; MIRANDA, G. et al. Revista Observatório 32: Perspectivas das ancestralidades no fazer cultural, 2022. [HTML]

BARROS, M. B. O papel da palavra, da sincopação e da letra na linguagem algébrica: um estudo no Ensino Fundamental, 2024. unesp.br

COSTA, J. R. A CONSTITUIÇÃO DO HOMEM NA ANTROPOLOGIA AGOSTINIANA, pgfi.uff.br, . uff.br

COSTA, R. I. A cultura do som automotivo: análise jurídica das sanções penais e administrativas por som automotivo em Goiás sob a perspectiva do direito à cultura, 2024. pucgoias.edu.br

DE FARIA, A. L. G.; DEMARTINI, Z. B. F.; PRADO, P. D. Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças, 2022. [HTML]

GUÉRIOS, P. ANTROPOLOGIA, CIÊNCIA, ENGAJAMENTO José Loureiro Fernandes e os sentidos da atividade intelectual, Revista Brasileira de Ciências Sociais, 2021. scielo.br

KRUGER, S. G. O lugar do desenho na infância: criação e imaginação, repositorio.unesc.net, . unesc.net

LEMOS, L. G. S. O funk como movimento de expressão cultural no Brasil, 2023. pucgoias.edu.br
LIMA, J. C.; OITICICA, M.; GUEDES, I. C. M. Análise da paisagem sonora de rua comercial exclusiva para pedestres em Aracaju-Sergipe, researchgate.net, . researchgate.net

MACHADO, V. C. O brincar em uma (in) fância conectada, 2022. unesp.br

MARTINS, B. A.; RODRIGUES, C. B.; SILVA..., E. C. A invisibilidade da música periférica no Brasil, ric.cps.sp.gov.br, . cps.sp.gov.br

PICCHIA, P. M. D. A Neblina eo Fluxo: o funk nos corpos elétricos da quebrada, 2021. usp.br

SCABORA, V. P. Cantando a nossa história: Ildefonso Juvenal eo samba catarinense (1945- 1948), 2024. ufsc.br

SEGATO, R. Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda, 2021. [HTML]

SILVA, J. N. Dina Di ea Mente Engatilhada: gênero, classe e as disputas por reconhecimento no rap brasileiro, 2025. usp.br

WERNECK, A.; FERREIRA, L. Questões de moral, moral em questão: Estudos de sociologia e antropologia das moralidades, 2023. [HTML]

WISNIK, J. M. O som eo sentido-uma outra história das músicas, 2025. [HTML]